CONTO DE *MACUNAÍMA* NA ZONA DA MATA MINEIRA: A PUBLICAÇÃO DO "CASO DA CASCATA" NA REVISTA *VERDE* DE CATAGUASES

TALE OF *MACUNAÍMA* IN THE AREA OF FOREST IN MINAS GERAIS: PUBLICATION OF "CASO DA CASCATA" IN *VERDE* (GREEN) MODERNIST MAGAZINE FROM CATAGUASES

Ana Lúcia Richa[1]

RESUMO: Antes do lançamento do romance / rapsódia *Macunaíma*, em julho de 1928, Mário de Andrade (1893-1945) publicou excertos do livro. O primeiro trecho divulgado foi "Caso da Cascata", que apareceu no terceiro número da *Verde*, revista modernista editada pelo Grupo Verde de Cataguases entre 1927 a 1929. Este estudo tem o objetivo de refletir na escolha dessa parte inicial do capítulo IV Boiúna Luna pelo autor para ser o primeiro fragmento do livro divulgado e no uso da *Verde* como veículo.
PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; *Macunaíma*, Revista *Verde*; Movimento Modernista Brasileiro

ABSTRACT: Before the release of the novel / rhapsody *Macunaíma* in July 1928, Mario de Andrade (1893-1945) published excerpts from the book. The first published part was "Caso da Cascata" (Waterfall tale), which appeared in the third number of *Verde* (Green), modernist magazine that was edited by Grupo Verde de Cataguases (Green Group from Cataguases), between 1927 and 1929. This study aims to analyze on the choices of author: this initial part of Chapter IV Boiuna Luna to be the first fragment and its publishing in *Verde*.
KEYWORDS: Mario de Andrade, *Macunaíma*, *Verde* magazine, Brazilian Modernist Movement

> E só o papagaio no silencio do Uracoeira preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida.
> [...] E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história.
> (*Macunaíma*. Andrade 1988: 168)

No auge do burburinho das atividades do Grupo Verde de Cataguases, no número três da revista *Verde*, Mário de Andrade fez aparecer pela primeira vez um caso de *Macunaíma*. O "Caso da Cascata", excerto do capítulo IV, intitulado Boiúna Luna, saiu na página 12 da edição de novembro de 1927.

---

[1] Ana Lúcia Richa é doutoranda em Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia Letras e Ciência Humanas daUniversidade de São Paulo. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Rio de Janeiro (2005). analuciaricha@gmail.com

Esse excerto do livro foi publicado anteriormente ao lançamento da primeira edição do livro, que chegou às livrarias em 29 de julho de 1928. O trecho na revista de Cataguases teve a função de divulgar a obra, de instigar a leitura e de testar a recepção do romance. A este trabalho, interessa refletir na escolha do "Caso da Cascata" por Mário de Andrade para ser o primeiro trecho do livro divulgado e no uso da *Verde* como veículo.

CASO DA CASCATA

DO LIVRO «MACUNAÍMA»

...E a cascata contou o que tinha sucedido pra ela. Assim:

Não vê que chamo Naipí e sou filha do tuxaua Mexô-Mexoitiquí nome que na minha fala quer dizer Engatinha-Engatinha. Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxauas vizinhos desejavam dormir na minha rêde e enlaçar meu corpo mais molengo que embirossú. Porêm quando alguem vinha eu dava dentadas e contapés por amor de experimentar a fôrça dele. E todos não aguentavam e partiam sorumbaticos.

Minha tribu era escrava da boiúna Capêi que morava num covão em companhia das saúvas. Sempre no tempo em que os ipês de beira-rio se amarelavam de flores a boiúna vinha na taba escolher a cunhã virgem que ia dormir com ela na socava cheia de esqueletos.

Quando meu corpo chorou sangue pedindo fôrça de homem pra servir, a suinara cantou manhãzinha nas jarinas de meu tejupá, veio Capêi e me escolheu. Os ipês de beira-rio relampeavam de amarelo e todas as flores cairam nos ombros soluçando do moço Titçatê, guerreiro de meu pai. A tristura talqualmente correição de sacassaia viera na taba e devorara até o silencio.

Quando o pagé velho tirou a noite do buraco outra vez, Titçatê ajuntou as florzinhas junto dele e veio com elas prá rede da minha ultima noite livre. Então mordi Titçatê.

O sangue espirrou na munheca mordida porêm o moço não fez caso não, gemeu de raiva amando, me encheu a boca de flores que não pude mais morder. Titçatê pulou na rede e Naipí serviu Titçatê.

Depois que brincâmos feito dôidos entre sangue escorrendo e as florzinhas de ipê, meu vencedor me carregou no ombro, me jogou na ipêigara abicada num esconderijo de aturiás e frechou por largo rio Zangado, fugindo da boiúna.

No outro dia quando o pagé velho guardou a noite no buraco outra vez Capêi foi me buscar e encontrou a rede sangrando vazia. Deu um urro e deitou correndo em busca nossa. Vinha vindo vinha vindo, a gente escutava urro dela perto, mais perto pertinho e afinal as aguas do rio Zangado empinaram com o corpo da boiúna alí.

Titçatê não podia mais remar desfalecido sangrando sempre com a mordida na munheca. Por isso que não pudemos fugir. Capêi me prendeu, me revirou fez a sorte do ovo em mim, deu certo e a boiúna viu que eu já servira Titçatê.

Quis acabar com o mundo de raiva tamanha, não sei... me virou nesta pedra e atirou Titçatê na praia do rio, transformado numa planta. E' aquela uma que está lá em baixo, lá! E' aquele mururé tão lindo que se enxerga bracejando nagua pra mim. As flores roxas dele são os pingos de sangue da mordida que meu frio de cascata regelou.

Capêi mora em baixo de mim, examinando sempre na gruta si fui mesmo brincada pelo moço. Fui sim e passarei chorando nesta pedra até o fim do que não tem fim, maguas de não servir mais o meu guerreiro Titçatê.

MARIO DE ANDRADE.

Poemas cronologicos DE HENRIQUE DE RESENDE, ROSARIO FUSCO, ASCANIO LOPES.
VERDE — EDITORA A APARECER BREVEMENTE

Excertos de *Macunaíma*

De acordo com Telê Porto Ancona Lopez, no texto "Vontade / Variante", que está anexo à edição crítica de *Macunaíma*, o aparecimento do trecho em *Verde* datou a modificação estrutural da rapsódia que resultou na entrada do capítulo Boiúna Luna. O "Caso da Cascata" de *Verde* valeu como lição F da edição crítica coordenada pela professora:

> Comparando o índice da "versão definitiva" com o do volume publicado em 1928, compreende-se que, no segundo semestre de 1927, depois da viagem à Amazônia, *Macunaíma* estaria passando por mais uma das refusões a que Mário de Andrade se refere na carta a Alceu Amoroso Lima. Esse aspecto deve ser objeto de atenção, pois, nesse momento, a narrativa que possuía 17 capítulos, entre os quais o IV era "Piaimã", estaria incorporando mais um. Então, na consciência da impossibilidade de verificar como era o texto nos manuscritos (destruídos, de que restam apenas as páginas focalizadas) e como se processou o acréscimo, cabe perceber que a sequência isolada em *Verde*, restrita ao relato de Naipi, carrega elementos importantes. (LOPEZ, 1988b: XLVI)

A edição coordenada por Telê Porto Ancona Lopez usou o cotejo de quatro edições e três manuscritos para o estabelecimento do texto, atualizou a ortografia e normatizou o uso das aspas. São poucas as variações do texto publicado na revista modernista para o texto estabelecido na edição crítica, quase todas são justificadas pelas atualizações propostas para o texto crítico. As exceções são duas: no primeiro parágrafo, a supressão da expressão "Assim:" que introduz a narração do caso; e, no décimo parágrafo, a mudança da frase "É aquela uma que está lá em baixo, lá!" para "É aquela uma que está lá, lá em baixo, lá!". São modificações que testemunham o intenso trabalho do autor com o texto.

Mais dois excertos de *Macunaíma* precederam o lançamento do livro, aparecendo em periódicos. Ambos foram publicados em junho de 1928, muito próximos à chegada de *Macunaíma* às livrarias. Um saiu na *Revista de Antropofagia* (ano 1, número 2, pág. 3). Trata-se do primeiro capítulo quase todo: do início até o momento em que Macunaíma jurou vingança porque não recebeu parte da carne da anta caçada, encerrando o texto com um "Etc." Na aludida revista da vanguarda de São Paulo, o texto recebeu o título "Entrada de 'Macunaíma'" e foi ilustrado com desenho da argentina Maria Clemência.

O outro fragmento é o capítulo VII, com o título modificado de "Macumba" para "Macunaíma". Está na edição do dia 4 de junho de 1928 do *Diário Nacional*, jornal editado em São Paulo e para o qual Mário de Andrade escrevia. O texto veio com ilustração de Delpino Jr. e a observação "romance folclórico a sair".

Verde número 3

O Grupo Verde de Cataguases formou-se em meados da década de 1920, reunindo rapazes entre 17 e 24 anos (Ascânio Lopes, Camilo Soares, Francisco Inácio

Peixoto, Guilhermino Cesar, Enrique de Resende, Rosário Fusco, Martins Mendes, Cristophoro Fonte-Boa e Oswaldo Abritta). O grupo fundou a revista *Verde*, que teve seis números entre setembro de 1927 e maio de 1929. Os rapazes de Cataguases também lançaram quatro livros de poemas e o "Manifesto do Grupo Verde de Cataguases", em novembro de 1927. A revista modernista do Grupo Verde circulou não só por Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, mas também chegou via correio a diversas partes do país, alcançando e recebendo colaborações de diferentes grupos de escritores interessados em literatura de vanguarda.

O trecho de *Macunaíma* saiu justamente no número 3 da revista, uma das edições mais ricas em participação externa ao grupo, e ocorreu no momento que a publicação já era conhecida por modernistas de várias regiões do país e tinha grande distribuição.

A edição de novembro trouxe capa com detalhes em verde, e o Sumário. Rosário Fusco, Martins Mendes e Henrique de Resende são identificados como diretores. Dos verdes, participaram desta edição com textos assinados Rosário Fusco, Henrique de Resende, Ascânio Lopes e Camilo Soares. De Belo Horizonte, participaram João Alphonsus (com o texto em prosa "Oxyacyanureto de Mercúrio"), Carlos Drummond de Andrade (com o poema "Quadrilha", mas em versão diferente da publicada posteriormente em livro), Godofredo Rangel (com texto em prosa "A Syncope"), Abgar Renaut (com o poema "Matinal"), Emílio Moura (com o poema "Chromo") e Pedro Nava (com o poema "Ventania"). De São Paulo apareceram Mário de Andrade (com o "Caso da Cascata"), Wellington Brandão (com o poema "Cantos Municipais"), Oswald de Andrade (com "Os Esplendores do Oriente", trecho do romance *Serafim Ponte Grande*), Sergio Milliet (com o poema "Religião") e Yan de Almeida Prado, em nota. Do Rio de Janeiro entraram Prudente de Moraes, neto (com o texto em prosa "Aventura"); de Pernambuco, Ascenso Ferreira (com o poema "Camelots"). Ainda registra-se a participação do uruguaio Ildefonso Pereda Valdés (com o poema "A Germana Bittencourt") e do argentino Ildefonso Falcão (com o texto em prosa "Singermam, Stolek e etc"). Nesta *Verde* também apareceu o poema "Aux Jeunes Gens de Catacazes", do poeta franco-suíço Blaise Cendrars (na página anterior ao "Caso da Cascata", de Mário de Andrade). O poema, de apenas quatro versos, abre a antologia da obra poética do autor, *Du monde entier*.

Acrescenta-se que a contracapa dessa edição da revista trouxe a coluna "Livros que os leitores de *Verde* devem ler" com sugestão de leitura de *Primeiro Andar*, *Amar, verbo intransitivo* e *Clã do jaboti*, de Mário de Andrade; *Brás, Bexiga e Barra-funda*, de Alcântara Machado; e *Primeiro Caderno de Poesias*, de Oswald de Andrade. Os números seguintes da revista também trouxeram a mesma coluna anunciando livros do Grupo Verde e de escritores de outros grupos modernistas. Essa seção e as colaborações deixam evidente a inserção dos poetas de Cataguases na rede de artistas de vanguarda brasileiros da primeira fase do modernismo brasileiro: tanto eles citaram e sugeriram a leitura de poetas de outros grupos, como foram citados e divulgados; tanto tiveram acesso às mais recentes publicações vanguardistas, como a revista *Verde* circulou entre os grupos em que essas publicações eram comentadas.

Cecília de Lara, no texto "Verde e o 'fenômeno' Cataguases", que acompanha a edição fac-similar da publicação (1978), esclareceu a importância da revista no modernismo brasileiro: "Por ter sido a única revista do movimento no ano de 27,

mobilizou os grupo todos, anteriores, e polarizou os novos que surgiram em outras partes do Brasil." Dessa forma, encontra-se a primeira pista no sentido de considerar a revista *Verde* um veículo importante para Mário de Andrade divulgar seu livro entre os interessados em literatura e arte modernas.

A correspondência trocada entre Rosário Fusco e Mário de Andrade registrou o envio de colaborações e a inserção de *Verde* entre os modernistas.[2] Na carta de Fusco transcrita a seguir é possível observar que Mário já tivera uma recepção positiva para o seu poema "Rondó do Brigadeiro", publicado na *Verde* nº 2 (outubro de 1927, página 11). Tal fato pode ter contribuído para a escolha da revista como o primeiro lugar a receber trecho de *Macunaíma*.

> Fiz mandar pra você, Mário, há muito tempo já o 2º nº da *Verde*. Foi um baita sucesso! Você nem calcula. Já leu o que os rapazes de Belo Horizonte escreveram sobre o "Rondó"? Pois se não leu, trate de ler.
> Espero colaboração pro 3º nº da revista. Até o dia 14 sem falta. (Rosário Fusco a Mário de Andrade, 2/11/1927, AMA, IEB-USP)

Em resposta ao pedido, o escritor paulista enviou o "Caso da Cascata" como colaboração. Mário de Andrade parece que estava realmente convencido de que *Verde* era um veículo modernista importante. Ele também persuadiu Oswald de Andrade a mandar trecho de *Serafim Ponte Grande*.

> Lamento que minha carta registrada contendo escrita longa e "Caso da Cascata" pra *Verde* não tenha chegado aí. Aliás eu aconselhava a guardar a colaboração minha pro 4° numero, devido não fatigar e necessidade de vocês, os d'aí aparecerem mais que a gente. Enfim façam o que quiserem do "Caso da Cascata", é de vocês.
> Também fiz o Osvaldo mandar uma página *do Serafim Ponte Grande*, me avise se receberam. Eu mesmo botei no Correio, só que por ser domingo de noite não pude registrar. (Mário de Andrade a Rosário Fusco, sem data [nov.1927], Acervo de Rosário François Fusco)

Além de Oswald de Andrade, publicam na revista, por intermédio do autor de *Macunaíma*, Guilherme de Almeida, Paulo Prado e escritores modernistas de outras regiões como Ruy Cirne Lima, do Rio Grande do Sul, e o já citado Ascenso Ferreira. A resposta de Rosário Fusco é a afirmação de que teria recebido as colaborações:

> Pois eu recebi o "Caso da Cascata" sim, senhor. E recebi o retalho do *Serafim Ponte Grande* também que veio assinado por uma porrada de gente grossa assim como você. Domingo mesmo mandei suas cartas praí. Uma cheia de versos. "Jazz-Band", "Croniqueta", "Sentimental" e

[2] A correspondência trocada entre Mário de Andrade e os rapazes do Grupo Verde de Cataguases é o objeto de estudo do projeto de pesquisa intitulado "Amizade 'carteadeira' – O diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases", que está sendo desenvolvido no doutorado do Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da FFLCH – USP e tem subvenção da FAPESP.

> outros. E outra agradecendo a colaboração do Oswald – que veio num envelope vermelho subscriptado por você até.
> No outro dia, segunda-feira se não me engano recebi o "Caso da Cascata" e o verso batuta do Ascenso. Respondi logo e estou bestificado com o que v. está dizendo agora. [...]
> Você mandou outro "Caso da Cascata". Não faz mal não. Fico com ele pra mim. (Rosário Fusco para Mário de Andrade, Cataguases, 15/11/1927)

Os rapazes de Cataguases optaram por colocar os trechos de *Macunaíma* e de *Serafim Ponte Grande* no número de novembro mesmo. Além da colaboração do número 3 e do "Rondó do Brigadeiro" no número 2, Mário de Andrade apareceu no número 4 com o texto em prosa "Apresentação / que Mário de Andrade escreveu pro livro de Rosário Fusco – CODAQUE – a sair brevemente"; no número 5 com o texto em francês "Présentation de la Jeune Fille (Dolour)"; no suplemento do nº 5 referente aos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1928 com a transcrição do que ele escreveu sobre o grupo no *Diário Nacional* em 15/4/1928; no número 1 da segunda fase com o texto em prosa "Vitória-Régia", acompanhado de gravura da argentina Maria Clemência.

A correspondência dos dois escritores registra o esforço de Mário de Andrade em arcar com os custos da publicação de *Macunaíma*. Percebe-se que Mário acreditava em seu livro, a ponto de se endividar para que ele saísse. E acreditava também no modernismo, na importância da *Verde* para a renovação da literatura no país, tanto que assumiu compromissos financeiros com a revista.

> Agora falando de mim: careço de saber o que vocês resolvem. Prometi mandar uma quota mensal pra *Verde*, mandei duas duma vez e não mandei mais.
> Só justifico-me porque *Verde* não tem saído. Quase tenho abusado da amizade de vocês. É que também ando numa pinda desgraçada. Ganho regularmente porém minhas despesas são enormes. Só de livraria me vi este mês de maio acabando com uma divida de perto de dois contos! E as quotas mensais pra publicação de *Macunaíma* são de oitocentos paus! Está claro que tive de me arranjar com livrarias e casas de música pra esperarem parte do pagamento nos meses que vêm. Como você vê a situação não é nada agradável pra mim. Também a conta aumentou assim porque recebi um *Sertum Palmarum* encomendado nas vacas gordas e só agora chegado nas vacas magras. 750$000 só ele! Tenho esse vício dos livros raros e o dia em que você bater na minha casa, te mostrarei coisas bonitas. (Mário de Andrade a Rosário Fusco, 8/6/28, Acervo de Rosário François Fusco)

Na conferência de 1942, "O Movimento Modernista", Mário de Andrade citou o Grupo Verde para falar da estabilização de uma consciência criadora nacional no modernismo com a descentralização intelectual e a integração cultural nacional por meio da integração com grupos do interior: "O movimento modernista, pondo em

relevo e sistematizando uma 'cultura' nacional, exigiu da Inteligência estar ao par do que se passava nas numerosas Cataguases." (ANDRADE 1972: 248)

Para avaliar o modernismo, o escritor paulista ainda comentou dois aspectos: o primeiro é o direito permanente à pesquisa estética, a ruptura com a prática de importação das tendências já consagradas na Europa, ou seja, a liberdade artística de dispor de todos os materiais consagrados ou não, importados ou não; a segunda é a atualização da inteligência artística brasileira, associada a uma atitude interessada diante da vida contemporânea.

A narrativa de amor impedido de naipi

Voltando ao "Caso da Cascata", a narrativa de amor impedido de Naipi é do início do quarto capítulo, Boiúna Luna, logo depois de Ci deixar o herói para se tornar estrela. O herói sai do convívio das icamiabas, mas ainda está em seus domínios, seguido pelo séquito de jandaias e araras vermelhas. Macunaíma está sofrendo pela perda da amada e, ao ouvir a narrativa de amor infeliz da índia virada cascata com o guerreiro transformado em planta, ele também se emociona e se identifica com a cascata que, como ele, vê seu amado, mas não pode tocar e nem viver esse amor "até o fim do que não tem fim". Então ele jura vingança pela cascata e corta a cabeça da Boiúna Capei, causadora do sofrimento. Mas é justamente nesta aventura que o herói perde seu tembetá/muiraquitã. No final do capítulo, o Uirapuru, a mando do Negrinho do Pastoreio, conta para o herói onde teria sido perdido o talismã e o atual paradeiro em São Paulo com Venceslau Pietro Pietra, gigante Piaimã.

De acordo com Telê Porto Ancona Lopez, no texto "Vontade / Variante", esta passagem, mesmo entrando mais tarde no livro, está relacionada à questão crucial para a ação romanesca que vem a ser a perda da muiraquitã:

> Além de ligar duas personagens do imaginário popular diametralmente opostas na geografia – a catarata de Iguaçu e a Boiúna amazônica – proporciona, na continuação do capítulo, o comportamento contraditório de coragem / covardia do herói (enfrenta o monstro, mas foge da cabeça), cuja consequência é a perda da muiraquitã. Está claro que esse móvel da ação romanesca já existia, desligado, porém do novo episódio de forte lirismo que é o de Naipi. (LOPEZ 1988b: XLVI)

Vale lembrar que a passagem também está relacionada à decisão de Macunaíma ir a São Paulo, desligando-se, com essa viagem, da sua condição de imperador, das suas raízes culturais e da suas referências. Maria Augusta Fonseca, no texto "A carta pras Icamiabas", anexo à edição crítica, explicitou o caráter simbólico da busca da muiraquitã para o herói:

> A muiraquitã representa o último elo entre o herói e sua tradição, e só isso poderia responder por seus esforços em recuperá-la do monstro-gigante-Pietra. Afinal, essa busca será a causadora do infortúnio e morte de Macunaíma. A primeira ruptura se fixou. O herói se deixa envolver

> pelas seduções do mundo civilizado, nitidamente apartado de sua cultura. (ABRAMO 1988: 282-283)

Mário de Andrade construiu *Macunaíma* aproveitando uma grande variedade de elementos, provenientes das fontes mais diversas, a mistura está no nível semântico, composicional e textual. Cita-se alguns pesquisadores que já procuraram definir a forma de elaboração do livro: Alceu de Amoroso Lima chama de "coquetel"; Florestan Fernandes e Haroldo de Campos supõem uma "composição em mosaico"; Alfredo Bosi e Telê Ancona Lopez falam no processo de bricolagem para a união das peripécias; e Gilda de Mello e Souza aponta para um modelo compositivo do livro próximo ao processo criador da música popular.

Na segunda edição de 1937, o próprio Mário de Andrade esclarece o gênero da obra como rapsódia. Sendo assim, é canto, poesia, mas também é prosa, narrativa, que acolhe em sua construção soluções diversas. Telê Porto Ancona Lopes, em "Rapsódia e Resistência", analisa a construção do livro: "Esta rapsódia recolhe e integra, no estilo, como se sabe as vozes e as 'frases' de todas as camadas da sociedade e de todas as regiões do Brasil; a língua antiga, os estrangeirismos, os barbarismos, a gíria, tudo enfim que está no povo, até as referências literárias." (LOPEZ 1988a: 275)

A mistura de vários léxicos e discursos também pode ser vista no capítulo Boiúna Luna. Durante o "Caso da Cascata", o foco narrativo se transfere do contador, cantador, rapsodo, para a cascata/Naipi, que é um mito ameríndio e, como tal, tem sua fala marcada por uma linguagem antiga. Em carta a Rosário Fusco, Mário falou da linguagem usada em *Macunaíma* e do estilo empregado no "Caso da Cascata":

> *Macunaíma* pelo fato mesmo de se passar no mato, dos personagens serem irreais e vindo todos do mato é que se prestava pro estilo lírico em que saiu. [...] *Macunaíma* é escrito em língua artificial, como é de fato toda língua escrita. Todos os filólogos etc. reconhecem a existência simultânea pelo menos de duas línguas, a falada, a básica, e a escrita baseada na outra, porém artística e artificial. E nem pode ser de outra maneira pois que o próprio fenômeno de escrever é uma artificialidade a seu modo. Por outro lado a língua de *Macunaíma* não se parecer com coisa nenhuma é bobagem. Principia se parecendo com *Macunaíma*, e pois que se trata duma obra de arte isso é que é importante. Além disso se parece comigo mesmo. E é incontestável que é uma estilização lírica puramente individual da fala brasileira. A reserva do Tristão redunda em verdadeiro elogio pois prova que não se parece com o brasileiro falado meu livro já é em língua escrita, minha. Isso mesmo que eu queria. [...]
> Ao passo que você pode perguntar pro Manuel Bandeira se não é fato que reputo o "Caso da Cascata" o melhor passo de estilo que jamais escrevi. Pode ser que não seja porém o que vale é a intenção. (Mário de Andrade a Rosário Fusco, 21/11/1928, ARF, AMLB-FCRB)

Em *O Tupi e o Alaúde*, Gilda de Mello e Souza chamou a atenção para o fato de que inclusive as personagens foram compostas hibridamente, fundindo-se elementos, aproximando referências a universos culturais distintos. Um dos exemplos citados por

ela foi o da Boiúna: "figuras resultantes da fusão de entidades diversas, como por exemplo a Boiúna, que ora é a Cobra Preta, ora é Capei a Lua." (SOUZA 2003: 34)

No "Caso da Cascata" também ocorreu a aproximação de personagens do imaginário popular, porém de regiões geográficas distantes: a catarata de Iguaçu (Sul) e a Boiúna amazônica (Norte). O desrespeito às distâncias geográficas foi explicado pelo próprio autor no prefácio datado de 19 de dezembro de 1926, mas que não foi publicado junto com o livro:

> Um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo em que conseguia o mérito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea; um concerto étnico nacional e geográfico. (Fac-similar do Prefácio de 19/12/1926, anexo à edição crítica. ANDRADE 1988: 356)

No texto "Rapsódia e Resistência", anexo à edição crítica de *Macunaíma*, Telê Porto Ancona Lopez explicou que o espaço "desgeograficado" obedece somente à lógica da verossimilhança e trabalha o tratamento da natureza da retórica clássica. É nesse sentido que é possível compreender as enumerações na forma de embolada nordestina trazendo, por exemplo, peixes, árvores e animais de regiões e ecossistemas diferentes, mas pertencentes à América latina: "Grava-se, deste modo, um espaço brasileiro que se alonga em latino-americano [...], comparecendo em toda a plenitude, sem o tom pitoresco dos limites regionais, no 'desgeograficar' de Mário." (LOPEZ 1988a: 276) A rapsódia de Mário de Andrade, com sua mistura de cantos/falas transcendeu o nacionalismo modernista de programa e cresceu até uma representação dos povos do terceiro mundo ou dos donos do pensamento selvagem e do próprio homem do século XX.

"Ação interestadual e fecunda"

Nas proximidades e durante a década de 20, é perceptível o clima de nacionalismo que tomou conta do país fomentado pela Primeira Guerra Mundial e aprofundado pela proximidade da comemoração do Centenário da Independência. Esse clima também contagiou os modernistas. Mas, inclusive entre os modernistas, não era consensual tanto as ideias sobre arte moderna quanto o conceito de nacionalismo. A relação entre cultura e nacionalidade foi tão viva no modernismo brasileiro que se tornou uma questão em relação a qual os intelectuais precisaram se posicionar, inclusive não foram raras as divergências entre grupos explicitadas nos inúmeros periódicos publicados então. Foi o nacionalismo o que gerou mais fragmentações. Os grupos que elegeram esse tema como central foram chamados primitivistas – um "xingamento", de acordo com Mário de Andrade em "O Movimento Modernista". Nesta mesma conferência Mário afirmou que o modernismo foi "criador de um estado de espírito nacional".

Vale ressaltar a interpretação não conservadora nem ufanista do Brasil por Mário de Andrade. Em *Macunaíma*, o escritor foi ao encontro da liberdade de utilização criativa de todo o material disponível, a já citada mistura de sua rapsódia, que se pode

relacionar com a sua tentativa de apreensão da "entidade brasileira" a que ele se refere em um dos prefácios não publicado. Como o próprio autor explica no prefácio, buscou apreender a "entidade brasileira" anulando a lógica espacial da geografia e a lógica temporal da história brasileira para usar livremente os elementos, fundindo, modificando, recriando e colocando tudo em um plano simbólico. Leyla Perrone-Moisés falou da posição de Mário de Andrade em relação ao nacionalismo em *Macunaíma*:

> *Macunaíma* é, talvez, o livro mais "nacional" da literatura brasileira; mas não é um livro "nacionalista". [...]
> Na verdade, para M. A., como para todos os brasileiros verdadeiramente preocupados com o país, o nacionalismo constituiu um constante problema. Ele tinha consciência de que, em determinados momentos culturais, como o modernismo, era oportuno ser nacionalista, e que o nacionalismo econômico e político era uma necessidade sempre renovada. O que ele não aceitava era o nacionalismo ufanista e xenófobo, porque conhecia suas ilusões e perigos, e o nacionalismo artístico, porque sua concepção da arte era universalista. (PERRONE-MOISÉS 2007: 201-208)

Para o Grupo Verde de Cataguases os modernistas de São Paulo foram referência em muitos pontos. Uma ligação especial desse grupo com Mário de Andrade se estabeleceu através de abundante correspondência, citada muitas vezes ao longo deste trabalho. A rica correspondência estabelecida entre Mário de Andrade e os verdes, principalmente com Rosário Fusco, acabou por contribuir para a construção das concepções de arte moderna, literatura e nacionalismo dos cataguasenses.

O Grupo Verde se aproximou bastante do conceito de nacionalismo do grupo de *Klaxon*, repudiando a cópia, mas acreditando em que a poesia moderna poderia apropriar-se criativamente das ideias das vanguardas européias sem esquecer a herança cultural brasileira e sem deixar de valorizar os aspectos locais. *Verde* não se deixou levar pelo nacionalismo ufanista. A forma como a questão era percebida pelos verdes pode ser exemplificada com o artigo do poeta cataguasense Ascânio Lopes, publicado na edição de outubro de 1927: "trata-se de absorver o estrangeiro, sem ser absorvido por ele." (LOPES 1927: 17) O escritor antecipou a alternativa da proposta antropofágica de Oswald de Andrade para a questão da dependência cultural.

E, para completar a compreensão de que o Grupo Verde foi partidário de um nacionalismo não xenófobo, cita-se a intensa participação de artistas estrangeiros na revista, o que obriga a comparação de *Verde* com a internacionalista *Klaxon*.

Verde não se fechou no nacionalismo, como já não havia se fechado à valorização do local. Desde o primeiro número são registradas as participações de poetas de outros grupos brasileiros. Por isso, fala-se que a revista de Cataguases congregou todos os outros grupos modernistas brasileiros. No fim da última página, do último exemplar encontra-se a frase que sintetiza a vanguarda cataguasense: "*Verde* tem as suas páginas abertas a todos os novos do Brasil e do Mundo." É provável que fosse isso que Mário de Andrade chamou de "ação interestadual e fecunda", ao comentar sobre o Grupo Verde no *Diário Nacional* de 10 de julho de 1932:

> E o espantoso grupo de Cataguases, que, como já outro falou, deu realidade geográfica à cidadinha mineira. [...] Os dois grupos – Belo Horizonte e Cataguases – se distinguiram enormemente como psicologia coletiva. O de Cataguases teve uma realidade muito mais brilhante e principalmente uma ação muito mais interestadual e fecunda. *Verde* conseguiu a um só tempo centralizar e arregimentar o movimento modernista do Brasil, coisa que *A Revista*, de BH, não conseguiu. [...] A *Verde* chamava às armas. (ANDRADE, 1976: 550)

Conclui-se observando que *Verde*, além de inserção entre os diversos agrupamentos de modernistas espalhados pelo Brasil e até entre alguns modernistas da América latina, também trazia no plano das ideias condições de receber trecho de *Macunaíma*. Nota-se que a escolha do "Caso da Cascata" não pode ter sido aleatória. Trata-se de trecho representativo do movimento de "desgeograficar" – além de ser ligado a elemento determinante para a trama, ser episódio de forte lirismo e ter atingido estilo apreciado pelo autor. Mário de Andrade mandou o caso que funde a lenda de Naipi ou catarata de Iguaçu com da Boiúna amazônica para que fosse publicado na Zona da Mata Mineira e de lá alcançasse modernistas de todo país. É razoável supor até que o autor desejava usar para divulgar sua rapsódia o mesmo princípio de sua composição, o mesmo movimento de desgeograficar, a mesma busca da "entidade nacional" – em todos os níveis de *Macunaíma*, até na divulgação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, Maria Augusta Bernardes Fonseca Weber. A carta pras Icamiabas. In: Andrade, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, dês Caraïbes et africaine du XXº siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (Coleção arquivos; v. 6)

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, dês Caraïbes et africaine du XXº siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (Coleção arquivos; v. 6)

_____. "O Movimento Modernista". *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.

_____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

Coleção completa da revista *Verde*. edição fac-símile. São Paulo: dezembro de 1978.

LARA, Cecília de. "Verde e o 'fenômeno' Cataguases". *Verde.* edição fac-símile (suplemento). São Paulo: dezembro 1978.

LOPES, Ascânio. "A hora presente". IN: *Verde*, nº 2. Outubro de 1927, pág. 17. Coleção completa da revista *Verde*. edição fac-símile. São Paulo: dezembro de 1978.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. "Rapsódia e Resistência". In: Andrade, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, dês Caraïbes et africaine du XXº siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (Coleção arquivos; v. 6)

_____. "Vontade / Variante". In: Andrade, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* – Ed. crítica Telê Porto Ancona Lopez, coordenadora – Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, dês Caraïbes et africaine du XXº siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (Coleção arquivos; v. 6)

PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Macunaíma e a 'entidade nacional brasileira'". In: ____. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxo do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

CARTAS INÉDITAS

Arquivo Mário de Andrade – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. (AMA, IEB-USP)

Acervo de Rosário François Fusco

Arquivo Rosário Fusco, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. (ARF, AMLB-FCRB)

Artigo recebido em 12 de setembro de 2011 e aprovado em 16 de novembro de 2011.